

Rui Martinho Rodrigues

Mestre em Sociologia, doutor em História, advogado, professor do Departamento de Fundamentos da Educação da FAGED, da UFC.

Resumo

O alcance e o significado dos períodos históricos é um desafio que aguarda aqueles que estudam a matéria. Tal hermenêutica muito contribui para o enriquecimento do estudo tanto dos acontecimentos como dos costumes e temas. A compreensão do que seja Antiguidade, Idade Média, Modernidade, Contemporaneidade ou Pós-modernidade requer, do pesquisador, o descortino do que seja História. Considerou-se aqui a perspectiva de José Honório Rodrigues, para quem a classificação temporal da História refere-se à História como conhecimento, não à História entendida como sucessos, sendo, portanto, uma formulação teórica. A discussão mais aprofundada tem por objeto a pós-modernidade, sempre em cotejo com a modernidade.

Palavras-chave: história, períodos, pós-modernidade.

Abstract

The reach and meaning of Historic periods are a challenge for those who study the subject. This hermeneutic contributes for the enrichment of the study, as much of the events as of the customs and subjects. The understanding of what it is Antiquity, Middle Ages, Early Modern, Contemporary or Postmodernity requires of the researcher, the discovering what is History. Under the perspective of José Honório Rodrigues, for whom the secular classification of History mentions History as knowledge, instead of History as successes, being, therefore, a theoretical construction. The deepened quarrel has as object the Postmodernity, always comparing with Early Modern.

Key-words: History, Periods, Postmodernity.

Introdução

A pesquisa histórica há que ser feita considerando a periodização histórica. O primeiro objeto a considerar deve ser a palavra “História”.

A origem exata da palavra grega é incerta, mas tal como acontece com a alemã, que é, às vezes, considerada objetivamente como o que sucede ou o que sucedeu, e outras vezes subjetivamente, como o conhecimento do sentido. [...]. Para tornar mais clara a distinção entre os sentidos objetivo e subjetivo da palavra História, basta chamar a atenção, [...], para o fato de que o nosso conhecimento da era primitiva dos russos, [...] seria uma página em branco se os escritores do Império Romano não tivessem tido um interesse [...] pelos seus vizinhos. Ora, não deixou de haver sucessos históricos; o que teria deixado de haver era o conhecimento histórico. (RODRIGUES, 1978, p.45).

Segundo José Honório Rodrigues, História abrange tanto o que sucedeu como o conhecimento sobre o sucedido. A História como conhecimento dos sucessos pertence ao presente, embora guarde relação de dependência com o passado, conforme palavras textuais do autor referido:

A História também não é dos mortos, mas dos vivos, pois ela é a realidade presente, [...] a vida e a realidade são História, gerando passado e futuro. Assim, todo o movimento da consciência, toda a pulsação vital do espírito é História, no duplo sentido [...] por isso a historiografia está sempre na dependência da História. É pela conexão íntima entre o passado e o presente que a História possui incessantemente o mundo e age sobre a vida, como a vida age sobre a História. (RODRIGUES, 1978, p. 27).

Percebe-se que a História se constitui de *informações* sobre fatos e *interpretação* das ditas informações, voltando a agir sobre os acontecimentos. Informação lembra fonte, que é “[...] procedência, origem, proveniência; elemento que dá origem a uma mensagem”; (HOUAISS; e VILLAR, 2001, p. 1369). Incumbe ao pesquisador expor o modo como entende as conexões entre as informações, ao lado da percepção dos sucessos. O objeto de estudo histórico, ou os “domínios da His-

tória" (CARDOSO; e VAINFAS, p. 1997), influencia a História como conhecimento dos sucessos, já que representam conexões com saberes dotados de princípios e métodos próprios. A história econômica, da arte, do Direito, ou de outro campo do conhecimento, influencia a produção da História entendida como conhecimento, através do modo como os fatos são compreendidos nessas áreas, conforme os paradigmas, (KUHN, 1982). Entre o pesquisador e os fatos encontram-se as fontes e os paradigmas.

Fonte histórica, documento, registro, vestígio são todos termos correlatos para definir tudo aquilo produzido pela humanidade no tempo e no espaço; a herança material e imaterial deixada pelos antepassados que serve de base a construção do conhecimento histórico. O termo mais clássico para conceituar a fonte histórica é documento. [...] Vestígio é a palavra atualmente preferida [...] os mitos, a fala, o cinema, a literatura, tudo isso, como produtos humanos, torna-se fonte [...] (SILVA; e SILVA, P.158).

40

As visões da História ensejam classificações em períodos, conforme a divisão em: i) História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea; como pode seguir ii) a natureza do objeto, originando, *verbi gratia*, as histórias política, cultural, social; podendo, ainda, distinguir-se com base em iii) critérios teórico-metodológicos, originando as historiografias metódica ou científica; narrativa; compreensiva; e outras denominações. Este estudo restringiu-se à periodização, limitando a abordagem dos aspectos metodológicos ao necessário à compreensão dos períodos.

O Significado dos Períodos

A periodização enfrenta o desafio de escapar da clausura dos limites cronológicos. Difícil é evitar a separação em períodos, porque a história também é conhecimento, e esse tem começo, meio e fim. Os períodos pertencem antes ao mundo do conhecimento que ao mundo dos fatos:

Pensar na história já é, certamente, dividi-la, periodizá-la, pois, como lembra Croce, pensamento é organismo [...] tem seu princípio, meio e fim e todas as outras pausas que um drama comporta e requer. Todas as periodizações e delimitações do curso da história universal são apenas condicionais e voluntárias. (RODRIGUES, 1978, p.112).

A periodização referente a uma história antiga, medieval, moderna e contemporânea é uma construção centrada na Europa, e na concepção de história contínua e evolutiva. Agostinho introduziu a perspectiva de uma história dotada de começo, meio e fim, tendente a uma culminação (RODRIGUES, 1978, p. 112). Tal não seria uma história referida aos fatos, mas ao conhecimento deles, já que a história entendida como conhecimento é que tem essas fases.

As quatro fases da periodização tradicional corresponderiam às etapas de uma evolução histórica na perspectiva do ocidente. Assim é que a palavra Antiguidade...

Faz referência a objetos do passado. [...] antiguidade é um período da história do Ocidente, bem delimitado, que se inicia com o aparecimento da escrita e a constituição das primeiras civilizações e termina com a queda do Império Romano, dando início à Idade Média. [...] significava o início do desenvolvimento do homem, período em que a civilização foi formada e a vida política e social se distinguiu da selvageria. [...] sendo os antigos os inventores da vida civilizada contemporânea [...] (SILVA; e SILVA, 2005, p. 19-20).

Sendo a Antiguidade o começo de um processo evolutivo, que tem como modelo a história do ocidente, o que seria a Idade Média? Trata-se de “Designação de emprego moderno (século XV), [...] para caracterizar um período intermediário entre a Antiguidade e o Renascimento. [...] como uma época obscura (*tenebrae*), um hiato de barbárie. [...] muito embora o termo só viesse a ser de uso corrente no século XVII.” (AZEVEDO, 1997, p. 228). O termo Renascimento é auto-explicativo: indica a retomada da evolução, exigindo a ruptura com o passado medieval. A idéia de modernidade está relacionada a um rompimento com o passado, expressando, ainda, o sentido de coisa recente. Embora a História não seja marcada pelo uso de jargão técnico, a palavra ‘moderno’, na tradicional periodização, difere do sentido

original da palavra. Introduz um significado de mudança nas estruturas sociais ocidentais, como resultado de uma racionalização crescente da cultura e das práticas sociais.

A urdidura da teoria é influenciada pelos sucessos e a compreensão desses por aquela. Antes que a racionalidade, identificada com a modernidade, influenciasse a historiografia, tal racionalidade instalou-se nos procedimentos econômicos, com o desenvolvimento das técnicas de contabilidade e de administração, afastando as formas tradicionais de organização social medieval. Daí moderno como rompimento com o passado, distanciando-se da idéia de Renascimento, que expressava a retomada dos rumos da Antiguidade, tida como uma marcha evolutiva. A fase precedente não é a medieval, vista como hiato no processo evolutivo. Cuidava-se que o ciclo precedente fora a Antiguidade. A Idade Média teria sido uma espécie de paralisação da marcha evolutiva, não uma etapa.

42

[...] A modernidade [era vista] como as mudanças que se operavam [...] sobretudo para a observação dos costumes, da arte e da moda. Etimologicamente, [...] derivado do latim, *modernos* (significando recente), desde o século V, com os escritos de Santo Agostinho, passou a ter diversos significados. Na origem, opunha-se ao passado pagão; a partir do século XVI, [...] os homens do século XVI julgavam estar vivendo em um mundo novo (moderno), embora o passado greco-romano devesse ser respeitado na construção desse novo mundo e do novo homem [...] (SILVA; e SILVA, 2005, p 297).

Moderno é isso. Já o tempo contemporâneo é muito mais complexo. As discussões teóricas sobre tal classificação repercutiram junto ao debate sobre o que seja a própria História. Como estudar historicamente o presente se a história for o estudo do passado? Os mais aferrados à história metódica resistiram à idéia de um estudo sem documento, cujos termos inicial e final não se conhecem, nem os seus desdobramentos. Croce procedeu a uma revisão das relações entre a História e o presente, conforme André Burguière:

A história contemporânea [...]. Nascida na França, na reforma [...] Victor Duruy (1867) definiu [...], como um estudo transcorrido de 1789 ao fim do Segundo Império. [...] 'A história é sempre contem-

porânea'. Esse paradoxo de Benedetto Croce anuncia uma revisão completa das relações entre a história e o presente. [...] quando os Anais (Annales) transformaram a velha ciência do passado numa ciência do homem e das sociedades humanas no tempo, o contemporâneo voltou a encontrar o lugar legítimo na História. (BURGUIÈRE, 1993, p 172-173).

Estabelecer os termos inicial e final do presente é outro desafio. Quando começa o presente? A indagação remete o debate à periodização. A natureza das periodizações tem algo de convencional, de enfoque dirigido aos temas segundo critérios teórico-metodológicos com que se elabora a periodização. O enfoque aludido permite à história contemporânea reabilitar ou tirar do ostracismo temas, sujeitos, acontecimentos, costumes, quaisquer objetos. Nesse sentido, a História Nova referiu-se a “novos objetos” (LE GOFF; e NORA, 1998), “novos problemas” (LE GOFF; e NORA, 1995) e ‘novas abordagens’ (LE GOFF; e NORA, 1988).

Uma disciplina se constitui, se identifica pelo objeto e pelo método. Tendo a História se encaminhado para novos objetos; formulando novos problemas, certamente porque fundada em novos métodos e por centrar suas observações em novas abordagens, pode-se perguntar se ainda é a mesma disciplina. Ressalte-se, porém, que as narrativas contemporâneas já se encontravam na origem da História. Tácito, “historiador latino (cerca de 55 – 120 aC) autor dos *Anais das Histórias*, dos *Costumes dos germanos* e do *Diálogo dos oradores*”, (SÉGUIER, 1989, p. 1965), escreveu narrativas contemporâneas. Acresce que o referido historiador tomou por objeto não sucessos, mas, como o nome de um dos seus trabalhos sugere, os costumes de um povo. Agora a discussão pode se deslocar: não será a “História Nova” uma retomada, sob certo aspecto, do perfil original da narrativa histórica?

A Pós-Modernidade

Discute-se a existência de um novo período histórico: a pós-modernidade. Não devemos esquecer que tal discussão refere-se a uma periodização, a uma classificação. E como tal, se faz por meio de um nexo

construído, para compor uma trama urdida com elementos da realidade. Mas a articulação em si não é uma realidade inquestionável, expressando antes pressupostos e perspectivas do autor. Resta saber se é conveniente e oportuno construir um tipo de formação histórico-social que corresponda à pós-modernidade. O moderno refere-se ao mais recente, se opõe ao que havia anteriormente, é superior ao mais velho e faz parte da visão da história como marcha evolutiva de um todo articulado. A modernidade foi uma espécie de negação do medieval; uma afirmação da racionalidade instrumental; uma busca pelas universalidades, pela impessoalidade. A modernidade disse: todos são iguais perante a lei, buscando a universalidade dos direitos; retomou a busca de explicações naturais para os fenômenos, afastando o prodígio e a magia; consagrou a separação entre o falso e o verdadeiro; e, embora se volte para o aspecto fenomenológico da realidade, admitiu a identidade das coisas, nos termos da lógica aristotélica. Isto é: "A" é "A", por isso "A" não é "B" ou outra coisa. A modernidade é afeita ao rigor metódico. Galileu, Newton e Hobbes são lídimos representantes da modernidade. A Declaração dos Direitos do Homem, produzida pela Revolução Francesa, não declarou os direitos dos franceses, mas do Homem. Era a modernidade. Buscava a universalidade, preteria os particularismos.

A pós-modernidade é o mais novo, contrário à modernidade. Isso é: a modernidade foi uma novidade que se opunha à Idade Média. A pós-modernidade é o mais recente que se volta contra a racionalidade dos modernos. A Pós-Modernidade se opõe às identidades das coisas e dos sujeitos, negando a individualidade. A modernidade construiu explicações seculares para os fenômenos histórico-sociais e da natureza. A pós-modernidade "desconstruiu" tais explicações. A modernidade buscava verdades. A pós-modernidade nega a existência de verdades. A modernidade inspirou-se na Física, como Kant, e na Biologia, diante de quem todo o século XIX curvou-se, no culto a Darwin, ainda que nem sempre com a clareza com que o fez Spencer. A modernidade se impôs de maneira avassaladora, mas

A era moderna durou exatamente 200 anos – da queda da Bastilha em 1798 à queda do muro de Berlim em 1989. A Revolução Francesa exemplifica o triunfo do Iluminismo. Com a destruição da

Bastilha, o mundo pré-moderno com suas lealdades feudais e hierarquias espirituais foi guilhotinado. Os revolucionários exaltaram os Direitos do Homem [...] No decurso da revolução, instalaram a Deusa da Razão na catedral de Notre Dame [...] (VEITH, 1999, p. 21-22).

Visto que o pós-moderno é o mais recente que se opõe ao moderno, entendido esse como anti-medieval. Mas o que terá de anti-moderno?

O pós-moderno, [...] privilegia a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras [...]. A fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais ou [...] 'totálicos' são o marco do pensamento pós-moderno. A redescoberta do pragmatismo na Filosofia (p. ex. RORTY, 1979), a mudança de idéias sobre a filosofia da ciência promovida por Kuhn (1962) e Feyerabend (1975), a ênfase foucaultiana na descontinuidade e na diferença na história e a primazia dada por ele a correlações polimorfas em vez de causalidade simples ou complexa [...]. O que há em comum nesses exemplos é a rejeição das "metanarrativas" (interpretações teóricas de larga escala pretensamente de aplicação universal) [...]. O pós-modernismo assinala a morte dessas "metanarrativas", cuja função terrorista secreta era fundamentar e legitimar a ilusão de uma história humana universal. (HARVEY, 1992, p. 19).

45

As manifestações histórico-sociais autênticas geralmente não morrem. Podem hibernar, depois ressurgindo com o prefixo 'neo' ou "pós", sem que isso desclassifique as suas observações. Outro aspecto da pós-modernidade diz respeito à individualidade, ou mais precisamente à condição de sujeito, pressuposta na cidadania, tal como a inventou a modernidade, conforme assinala Fredric Jameson:

[...] o pós-modernismo tomou seu lugar. [...] é o que geralmente se denomina de "morte do sujeito, [...] a estética modernista está, [...] organicamente ligada à concepção de um eu e de uma identidade privada únicos. (JAMESON; e KAPLAN, 1993, p. 29).

Pós-modernidade: a morte da razão e do sujeito. Examinem-se os fragmentos 'morte da razão' e do 'sujeito'. A razão tem, entre outras funções, a de solucionar conflitos como alternativa à força e à violência. Como resolver o conflito em torno de um acidente de trânsito? A obrigação de reparar o dano depende da razão segundo a qual o direito à indenização resulta do nexo de causalidade entre a conduta do agente e

o dano. Tem por destinatários os sujeitos: o direito à vida, à integridade física, à liberdade, o direito de votar e ser votado, até o 'devido processo legal', com todos os princípios e garantias sem os quais não há cidadania, Estado de Direito ou democracia. Tudo isso desaparece sem um sujeito a quem servir.

Gostaria de confrontar aqui com o relativismo uma posição [...] diversa deste. [...] quero caracterizá-la aqui como *pluralismo crítico*. Enquanto o relativismo que resulta de uma tolerância laxista conduz ao domínio da força, o pluralismo pode contribuir para a sujeição da força. A idéia [da existência] de verdade tem um significado decisivo para o confronto entre o relativismo e o pluralismo crítico. O relativismo é a posição de que tudo se pode afirmar, e, por conseguinte, nada. Tudo é verdadeiro, ou nada é verdadeiro. A verdade é [...] destituída de significado. O pluralismo crítico é a posição de que cada teoria [...] deve, no interesse da procura da verdade, ser admitida ao concurso entre as teorias. Este concurso consiste na discussão racional das teorias e na sua eliminação crítica. [...], trata-se da verdade das teorias concorrentes: a teoria que, na discussão crítica parece aproximar-se mais da verdade é a melhor; e [...] expulsa as teorias piores. (POPPER, 1987, p. 98).

46

É preciso que o sujeito exista e seja responsável. A força e a prática da violência serão o sucedâneo da razão, impondo-se à falta de princípios universais à disposição das partes para solucionar os conflitos. A supressão do sujeito leva ao fim de todas as responsabilidades. O fim do sujeito pode significar uma licença para o desatino. Bobbio adverte sobre a extinção da individualidade como um sério perigo:

É preciso desconfiar de quem defende uma concepção anti-individualista da sociedade. Através do anti-individualismo, passaram mais ou menos todas as doutrinas reacionárias. Burke dizia: "Os indivíduos desaparecem como sombras; só a comunidade é fixa e estável." De Maistre dizia: "Submeter o governo à discussão individual significa destruí-lo". Lammenais dizia: "O individualismo, destruindo a idéia de obediência e de dever, destrói o poder da lei". Não seria muito difícil encontrar citações na esquerda antidemocrática. Ao contrário, não existe nenhuma constituição democrática, [...] que não pressuponha a existência de indivíduos singulares que têm direitos [...] e como seria possível dizer que são 'invioláveis' se não houvesse o pressuposto de que, axiologicamente, o indivíduo é superior à sociedade de que faz parte. (BOBBIO, 1992, p. 102).

Conclusão

A respeito dos problemas da periodização, pode-se dizer que: (I) Períodos não são dados naturais, mas elaborações do pesquisador, nem são arbitrários, devem guardar certa conexão com os fatos; (II) a construção dos períodos históricos é influenciada pelas referências teórico-metodológicas; (III) as clássicas divisões da História em Idade Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea guardam relação com uma concepção pela qual a História é uma totalidade, tem começo, meio e fim, na forma exemplar da história do ocidente; (IV) a pós-modernidade guarda com a modernidade o sentido de coisa mais recente, oposta à mais velha que também é considerada inferior, nos termos do etnocentrismo europeu; (V) a coisa mais velha e inferior a que a modernidade se opunha era o medieval, a pós-modernidade se opõe à modernidade; (VI) a modernidade, à qual se opõe a pós-modernidade, é marcada por definições claras, pelo primado do sujeito e pela prevalência da razão própria do modelo de ciência; (VII) a pós-modernidade rejeita as definições bem demarcadas, a razão do modelo científico e o primado do sujeito; (VIII) as rejeições introduzidas pela pós-modernidade ensejam as soluções de força, pelo desprestígio da razão como mediadora de conflitos, além de fragilizarem as garantias fundamentais da cidadania, pelo declínio do sujeito histórico, que é o titular dos direitos, pelo que é forçoso reconhecer que sem sujeito não há direitos nem garantias.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Antônio Carlos Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

BOBBIO, Norberto. *A Era dos direitos*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BURGUIÈRE, André (Org.). *Dicionário de ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

CARDOSO, C. F.; e VAINFAS, R. (Orgs.). *Domínios da história* (ensaios de teoria e metodologia). Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 1992.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

HOUAISS, e; VILLAR. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JAMESON, Fredric in KAPLAN, Ann (Org.). *O mal-estar no pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1993.

KAPLAN, E. (Org.). Ann, *O mal-estar no pós-moderno: teorias, práticas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1993.

KUHN, T.S. *A Estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

LE GOFF, J.; e NORRA, P. *História: novos problemas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Alves, 1995.

_____. *História: novas abordagens*. 3. ed. Rio de Janeiro: Alves, 1988.

_____. *História: novos objetos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Alves, 1988.

POPPER, Karl R. *Sociedade aberta, universo aberto*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

SÉGUIER, Jaime de (Org.). *Dicionário prático ilustrado*. Porto: Lello & irmão, 1989.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.

VEITH JR, Gene Edward. *Tempos pós-modernos*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

Enviado para publicação: 30/7/2008
Aceito para publicação: 5/8/2008